



R. J. Palácio

**EXTRAORDINÁRIO**



R. J. Palacio  
**EXTRAORDINÁRIO**

Tradução de Rachel Agavino



**Para Russell, Caleb e Joseph**



*Médicos vieram de cidades distantes  
só para me ver,  
parados ao lado da minha cama  
sem acreditar.*

*Dizem que só posso ser uma das maravilhas  
da Criação,  
e até onde veem não conseguem  
explicar.*

— Natalie Merchant, "Wonder"



## Parte um



AUGUST

A fatalidade sorriu e o destino  
gargalhou quando ela se debruçou no meu berço...

— Natalie Merchant, "Wonder"





# Comum

Sei que não sou um garoto de dez anos comum. Quer dizer, é claro que faço coisas comuns. Tomo sorvete. Ando de bicicleta. Jogo bola. Tenho um Xbox. Essas coisas me fazem ser comum. Por dentro. Mas sei que as crianças comuns não fazem outras crianças comuns saírem correndo e gritando do parquinho. Sei que os outros não ficam encarando as crianças comuns aonde quer que elas vão.

Se eu encontrasse uma lâmpada mágica e pudesse fazer um desejo, pediria para ter um rosto comum, em que ninguém nunca prestasse atenção. Pediria para poder andar na rua sem que as pessoas me vissem e depois fingissem olhar para o outro lado. Sabe o que eu acho? A única razão de eu não ser comum é que ninguém além de mim me enxerga dessa forma.

Mas agora meio que já me acostumei com minha aparência. Sei fingir que não vejo as caretas que as pessoas fazem. Nós todos ficamos muito bons nisso: eu, mamãe e papai, a Via. Na verdade, retiro o que disse: a Via não é tão boa. Às vezes ela fica muito irritada quando fazem algo grosseiro. Por exemplo, naquela vez no parquinho, quando uns garotos mais velhos fizeram alguns barulhos. Nem sei que barulhos eram, porque eu mesmo não ouvi, mas a Via escutou e simplesmente começou a gritar com eles. Esse é o jeito dela. Eu não sou assim.

Ela não acha que eu seja comum. Diz que acha, mas, se eu fosse comum, ela não precisaria me proteger tanto. Mamãe e papai também não me acham comum. Eles me acham extraordinário. Talvez a única pessoa no mundo que percebe o quanto sou comum seja eu.

Aliás, meu nome é August. Não vou descrever minha aparência. Não importa o que você esteja pensando, porque provavelmente é pior.

## Por que eu não ia à escola

Na semana que vem vou começar o quinto ano. Como nunca estudei em um colégio de verdade, meio que estou total e completamente apavorado. As pessoas acham que não fui à escola por causa da minha aparência, mas não é isso. É por causa de todas as vezes em que fui operado. Vinte e sete desde que nasci. As mais importantes aconteceram antes de eu ter quatro anos, por isso não lembro. Mas desde então passei por duas ou três cirurgias a cada ano (algumas grandes, outras menores), e, como sou pequeno para a minha idade e tenho outros problemas misteriosos que os médicos nunca conseguiram entender, eu ficava doente o tempo todo. Foi por isso que meus pais decidiram que seria melhor eu não ir para a escola. Mas estou bem mais forte agora. Minha última cirurgia foi oito meses atrás e provavelmente não precisarei de outra pelos próximos anos.

A mamãe me dá aulas em casa. Ela era ilustradora de livros infantis e desenha fadas e sereias lindas. Uma vez tentou desenhar um Darth Vader para mim, mas ficou parecendo um robô estranho com formato de cogumelo. Há muito tempo não a vejo desenhar nada. Acho que está ocupada demais cuidando de mim e da Via.

Não posso dizer que eu sempre quis ir à escola, porque isso não seria exatamente verdade. Eu queria ir, mas só se pudesse ser como todas as outras crianças. Ter muitos amigos, sair depois da aula, coisas desse tipo.

Tenho alguns amigos de verdade agora. O Christopher é meu melhor amigo, e depois vêm o Zachary e o Alex. A gente se conhece desde bebês. E, como eles já me conheceram como sou, estão acostumados. Quando a gente era pequeno, brincava junto o tempo todo, mas depois o Christopher se mudou para Bridgeport, em Connecticut. Fica a mais de uma hora de onde eu moro, em North River Heights, na ponta de cima de Manhattan. E o Zachary e o Alex começaram a ir à escola. É estranho: embora o Christopher tenha se mudado para longe, ainda o vejo mais do

que vejo o Zachary e o Alex. Eles têm um monte de amigos novos agora. Mas quando nos esbarramos na rua eles ainda são legais comigo e sempre dizem oi.

Tenho outros amigos também, mas não tão legais quanto o Christopher, o Zach e o Alex. Por exemplo, o Zach e o Alex sempre me convidavam para as festas de aniversário deles quando a gente era pequeno, mas o Joel, o Eamonn e o Gabe nunca fizeram isso. A Emma me convidou uma vez, mas não a vejo há muito tempo. E, é claro, sempre vou nas festas do Christopher. Talvez eu esteja exagerando com esse negócio de festas de aniversário.

## Como eu nasci

Gosto quando a mamãe conta essa história porque ela me faz rir muito. Não é engraçada como uma piada, mas, quando a mamãe conta, a Via e eu simplesmente caímos na gargalhada.

Então, quando eu estava na barriga da minha mãe, ninguém fazia a menor ideia de que eu seria desse jeito. A Via tinha nascido quatro anos antes e tudo tinha sido tão “mamão com açúcar” (como a mamãe diz), que não havia razão para fazer exames especiais. Uns dois meses antes de eu nascer, os médicos perceberam que havia algo errado com meu rosto, mas não acharam que fosse muito ruim. Disseram para os meus pais que eu tinha lábio leporino e algumas outras coisas. Chamaram de “pequenas anomalias”.

Duas enfermeiras estavam na sala de parto na noite em que nasci. Uma era muito doce e boazinha. A outra, segundo a mamãe, não parecia ser nem um pouco assim. Tinha braços muito grandes (aqui começa a parte engraçada) e ficava soltando puns. Tipo, ela dava cubos de gelo para a minha mãe e soltava um pum. Media a pressão e soltava outro pum. A mamãe diz que era inacreditável, porque a enfermeira nem ficava sem graça! Além disso, o obstetra dela não estava de plantão naquela noite, então ela acabou nas mãos de um residente mal-humorado que ela e o papai apelidaram de Doogie, por causa de um velho programa de TV ou algo do tipo (não chamavam o médico assim na frente dele). Mas a mamãe diz que, embora todo mundo na sala estivesse meio irritado, papai a fez rir a noite toda.

Quando saí da barriga da minha mãe, ela disse que todo mundo no quarto ficou muito quieto. Ela nem conseguiu me ver, porque a enfermeira boazinha saiu correndo comigo. O papai foi atrás com tanta pressa que deixou cair a filmadora, que ficou em pedacinhos. Então a mamãe ficou muito chateada e tentou levantar para ver aonde eles tinham ido, mas a enfermeira que soltava pum a segurou na cama com seus braços grandes.

As duas estavam quase brigando, porque minha mãe estava histérica e a enfermeira que soltava pum não parava de gritar para ela ficar calma, e então as duas começaram a gritar chamando o médico. Mas, adivinhe só? Ele tinha desmaiado! Estava caído no chão! Quando a enfermeira do pum o viu desmaiado, começou a cutucá-lo com o pé, tentando acordá-lo, sem parar de gritar: “Que tipo de médico você é? Que tipo de médico você é? Acorde! Acorde!”

Aí, de repente, ela soltou o maior, mais barulhento e mais fedorento pum da história dos pums. A mamãe acha que, na verdade, foi o pum que acordou o médico. Quando ela conta essa história, representa todos os papéis — faz até os barulhos dos pums — e é tão, tão, *tão* engraçado!

Minha mãe diz que a enfermeira que soltava pum era, na verdade, uma moça muito legal. Ficou com ela o tempo todo. Não saiu do seu lado nem depois que o papai voltou e os médicos contaram para eles da gravidade da minha doença. Mamãe se lembra perfeitamente das palavras que a enfermeira sussurrou em seu ouvido quando o médico disse que era provável que eu não sobrevivesse àquela noite.

“Todo o que é nascido de Deus vence o mundo.”

No dia seguinte, depois que eu tinha sobrevivido àquela noite, foi a mesma enfermeira que segurou a mão da minha mãe quando a levaram para me ver pela primeira vez.

A mamãe fala que, àquela altura, haviam lhe falado tudo sobre mim. Ela já tinha se preparado para me ver. Mas diz que, quando olhou para o meu rosto minúsculo e deformado pela primeira vez, só o que notou foi como meus olhos eram bonitos.

Aliás, a mamãe é linda. O papai é bonito também. A Via é bem bonita. Caso você esteja se perguntando.

## A casa do Christopher

Fiquei muito chateado quando o Christopher se mudou, três anos atrás. A gente tinha uns sete anos na época e passava horas brincando com nossos bonecos de *Star Wars* e lutando com os sabres de luz. Sinto falta disso.

Na primavera passada fomos até a casa dele em Bridgeport. Nós estávamos procurando biscoitos na cozinha quando ouvi a mamãe conversando com a Lisa, a mãe do Christopher, sobre eu começar a ir à escola em setembro. Eu nunca, nunca a tinha ouvido falar de escola antes.

— Do que está falando? — perguntei.

Ela pareceu surpresa, como se não fosse para eu ter escutado aquilo.

— Você deveria contar para ele no que está pensando, Isabel — sugeri o papai, que estava do outro lado da sala, conversando com o pai do Christopher.

— É melhor falarmos sobre isso depois — disse a mamãe.

— Não. Eu quero saber do que você estava falando — retruquei.

— Você não acha que está pronto para ir à escola, Auggie? — perguntou a mamãe.

— Não — respondi.

— Eu também não — concordou papai.

— Então é isso. Assunto encerrado — concluí, dando de ombros, e sentei no colo dela, como se fosse um bebê.

— Só acho que você precisa aprender mais do que eu posso ensinar — justificou-se a mamãe. — Quer dizer... Ah, Auggie, você sabe como sou péssima com frações!

— Que escola? — perguntei, já com vontade de chorar.

— Beecher Prep. Bem do lado de casa.

— Uau! É uma ótima escola, Auggie — disse a Lisa, dando um tapinha no meu joelho.

— Por que não a escola da Via? — eu quis saber.

— É grande demais — explicou a mamãe. — Acho que não seria o melhor para você.

— Não quero ir — falei.

Admito: eu fiz uma voz igual a de um bebezinho.

— Você não tem que fazer nada que não queira — disse o papai, chegando perto e me tirando da mamãe. Ele sentou no outro lado do sofá, comigo no colo. — Não vamos obrigá-lo a fazer nada que não queira.

— Mas seria bom para ele, Nate — insistiu a mamãe.

— Não se ele não quiser ir — rebateu o papai, olhando para mim. — Não se ele não estiver preparado.

Vi a mamãe olhar para a Lisa, que esticou o braço e apertou a mão dela.

— Vocês vão dar um jeito — disse ela para a minha mãe. — Sempre deram.

— Vamos conversar sobre isso depois, certo? — falou a mamãe.

Dava para ver que ela e o papai iam brigar por causa daquilo. Eu queria que ele ganhasse a briga, mas parte de mim sabia que a mamãe estava certa. E a verdade é que ela era mesmo péssima em frações.



## Voltando para casa

Foi uma longa viagem de volta para casa. Dormi no banco traseiro como sempre faço, com a cabeça no colo da Via como se fosse um travesseiro e uma toalha enrolada no cinto de segurança para eu não babar minha irmã toda. A Via dormiu também, e a mamãe e o papai ficaram conversando baixinho sobre coisas de adulto que não me interessavam.

Não sei por quanto tempo eu dormi, mas quando acordei vi a lua cheia pela janela do carro. A noite estava clara, e seguíamos por uma autoestrada lotada. Então ouvi a mamãe e o papai falando de mim.

— Não podemos continuar a protegê-lo — sussurrou ela para o papai, que estava dirigindo. — Não podemos fingir que ele vai acordar amanhã e esta não será mais a realidade dele, Nate, porque *vai ser*. E precisamos ajudá-lo a lidar com isso. Não podemos continuar evitando situações que...

— Então vamos mandá-lo para a escola como um cordeiro indo para o abate... — rebateu o papai, zangado, mas sem terminar a frase porque me viu olhando pelo retrovisor.

— O que é um cordeiro indo para o abate? — perguntei, sonolento.

— Volte a dormir, Auggie — disse o papai baixinho.

— Todo mundo vai ficar olhando para mim na escola — falei, começando a chorar.

— Querido — disse a mamãe. Ela se virou para trás no banco do carona e segurou minha mão. — Você sabe que, se não quiser, não tem que fazer isso. Mas conversamos com o diretor da escola sobre você e ele quer muito conhecê-lo.

— O que vocês disseram sobre mim?

— Falamos de como você é divertido, gentil e inteligente. Quando contei que você leu *O cavaleiro do dragão* aos seis anos, ele disse: “Uau! Tenho que conhecer esse garoto.”

— Você disse mais alguma coisa? — perguntei.

Mamãe sorriu e seu sorriso foi como um abraço.

— Falei de todas as suas cirurgias e de como você é corajoso.  
— Então ele sabe como eu sou?  
— Bem, levamos fotos do último verão em Montauk — disse o papai.  
— Mostramos fotos de toda a família. E aquela ótima, que tiramos de você segurando aquele linguado no barco!  
— Você foi à escola também?  
Devo confessar que fiquei um pouco desapontado por saber que ele tinha feito parte daquilo.  
— Sim. Nós dois conversamos com ele — falou o papai. — É um homem muito bom.  
— Você ia gostar dele — acrescentou a mamãe.  
De repente senti que eles estavam do mesmo lado.  
— Esperem. Quando vocês se encontraram com ele?  
— Ele nos levou em um passeio pela escola no ano passado — respondeu a mamãe.  
— *Ano passado?* — perguntei. — Então faz um ano inteiro que vocês vêm pensando nisso e não me disseram nada?  
— Nem sabíamos se você seria aceito, Auggie — falou ela. — É difícil entrar nessa escola. Há um longo processo de admissão. Não vi sentido em lhe contar e deixá-lo todo animado sem necessidade.  
— Mas você está certo, Auggie. Devíamos ter lhe contado no mês passado, quando soubemos que você foi aprovado — disse o papai.  
— Pensando bem — completou ela com um suspiro —, é, devíamos.  
— Aquela moça que foi lá em casa naquela vez tinha alguma coisa a ver com isso? — perguntei. — Aquela que me passou um teste?  
— Na verdade, tinha — confessou a mamãe, parecendo culpada.  
— Você disse que era um teste de QI.  
— Eu sei, mas, bom, aquela foi uma mentirinha do bem — respondeu ela. — Era um teste que precisava fazer para entrar na escola. Aliás, você se saiu muito bem.  
— Então você mentiu — falei.  
— Uma mentira do bem, mas, menti. Desculpe-me — repetiu mamãe.  
Ela tentou sorrir, mas como não sorri de volta ela se virou e olhou para a frente.  
— O que é um cordeiro indo para o abate? — perguntei de novo.

Mamãe suspirou e lançou o *olhar* para papai.

— Eu não devia ter dito isso — falou ele, olhando para mim pelo retrovisor. — Não é verdade. A questão é: mamãe e eu amamos tanto você que queremos protegê-lo de todas as formas que pudermos. Só que às vezes queremos fazer isso de jeitos diferentes.

— Não quero ir para a escola — declarei, cruzando os braços.

— Seria bom para você, Auggie — disse a mamãe.

— Talvez no ano que vem — sugeri, olhando pela janela.

— Este ano seria melhor, filho — insistiu ela. — Sabe por quê? Porque você vai entrar para o quinto ano, e muitas crianças vão ter mudado de escola. Vai ser diferente para todo mundo. Você não seria o único aluno novo.

— Vou ser o único aluno que é como eu sou — rebati.

— Não estou dizendo que não vá ser um grande desafio, porque você sabe que isso não é verdade. Mas vai ser bom, Auggie. Você vai fazer muitos amigos. E vai aprender coisas que eu jamais conseguiria lhe ensinar. — Ela virou para trás de novo e olhou para mim. — Quando fizemos o passeio, sabe o que vimos no laboratório de ciências? Um pintinho saindo do ovo. Foi tão fofo! Auggie, ele me fez lembrar um pouco de você quando era bebê... com esses seus grandes olhos castanhos...

Em geral, adoro que eles falem sobre quando eu era bebê. Às vezes tenho vontade de me encolher todinho e deixar que me abracem e me beijem inteiro. Sinto saudades de ser um bebê e de não saber das coisas. Mas eu não estava a fim disso naquela hora.

— Não quero ir — falei.

— E se você pelo menos se encontrasse com o Sr. Buzanfa antes de decidir? — sugeriu mamãe.

— Sr. Buzanfa? — perguntei.

— É o diretor — explicou ela.

— Sr. *Buzanfa*? — repeti.

— Eu sei! — disse o papai, sorrindo e olhando para mim pelo retrovisor. — Você acredita nesse nome, Auggie? Quer dizer, quem nesse mundo iria concordar em ter um nome como Sr. Buzanfa?

Sorri, mesmo não querendo que eles vissem. O papai era a única pessoa no mundo capaz de me fazer rir até quando eu não queria. Ele sempre fazia todo mundo rir.

— Sabe, Auggie, você deveria ir para essa escola só para ouvir o nome dele pelo alto-falante! — continuou ele, animado. — Já pensou como seria engraçado? Alô, alô? Chamando o Sr. Buzanfa! — Ele começou a imitar a voz de uma velhinha. — Olá, Sr. Buzanfa! Bateram na *traseira* no seu carro de novo? Quem foi o *bundão* que fez isso? O senhor não pode fazer *nádegas*?

Comecei a rir, não que fosse tão engraçado assim, mas porque não estava mais com disposição para ficar zangado.

— Mas poderia ser pior! — continuou o papai, voltando a falar com sua voz normal. — Sua mãe e eu tivemos uma professora na faculdade que se chamava Srta. Bum.

Agora a mamãe também estava rindo.

— É sério? — perguntei.

— Roberta Bum — disse a mamãe, levantando a mão, como quem faz um juramento. — Bobbie Bum.

— A Srta. Bum tinha duas bandas — brincou o papai.

— Nate!

— O que foi? Só estou dizendo que ela tocava em duas bandas de música!

Mamãe riu e balançou a cabeça.

— Ah, já sei! — falou o papai, muito animado. — Vamos arranjar um encontro entre eles! Já pensou? Srta. Bum, este é o Sr. Buzanfa. Sr. Buzanfa, esta é a Srta. Bum. Eles poderiam se casar e ter um monte de Bunzinhos.

— Coitado do Sr. Buzanfa — comentou a mamãe. — Auggie ainda nem o conheceu, Nate!

— Quem é Sr. Buzanfa? — perguntou a Via, um pouco grogue depois de acordar.

— É o diretor da minha escola nova — respondi.





“Uma história rara, com o poder de abrir nossos olhos — e o coração — para o que é ser diferente por causa de algo que está além de seu controle, enquanto tudo o que você quer é ser mais um na multidão.”

PUBLISHERS WEEKLY

Não julgue  
um livro *menino*  
pela *capa*  
*cara*

ISBN 978-85-6057-301-5



9 788580 573015

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)